

BILDUNG NOS FLUXOS DA MATERIALIDADE DA TERAPIA ARTÍSTICA ANTROPOSÓFICA

BILDUNG IN THE FLOWS OF MATERIALITY OF THE ANTHROPOSOPHICAL ARTISTIC THERAPY

Raquel Litterio de Bastos¹

Rodrigo Toniol²

Pedro Paulo Gomes Pereira³

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, RN, Brasil

²Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

³Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

Este artigo versa sobre os fluxos da materialidade nas terapias elaboradas pela Antroposofia, ciência espiritual suíça construída por Rudolf Steiner no início do século XX. O trabalho é resultado de uma etnografia realizada na primeira clínica antroposófica no Brasil, situada em São Paulo/SP. A Terapia Artística, um dos tratamentos antroposóficos, se destina à cura da alma, por meio das relações entre tintas, cores, pincéis e prismas com elementos científicos, morais e estéticos. Essa terapia compõe a medicina romântica alemã, na consubstanciação de uma *Bildung* como mote de cura nas terapias neorromânticas oferecidas no Brasil. O texto faz uma reflexão sobre como as teorias modificam os fluxos da materialidade e são por eles modificadas, de acordo com o tempo e o espaço.

Palavras-chave: *Bildung*; medicina romântica; materialidade; antroposofia; etnografia.

ABSTRACT

This paper is about the flows of materiality in the therapies conceived by Anthroposophy, spiritual science originated in Switzerland which was formulated by Rudolf Steiner in the early 20th Century. The paper is the result of an ethnography carried out at the first anthroposophical clinic in Brazil located in the state of Sao Paulo. The Artistic Therapy, one of the anthroposophical treatments, aims to cure the soul through the relations amongst paints, colors, and prisms with scientific, moral, and aesthetic elements. This therapy composes the German Romantic Medicine in the consubstantiation of a *Bildung* as theme of cure in the neo-romantic therapies offered in Brazil. The text is a reflection upon how the theories change the flows of materiality and how they are changed by them, according to time and space.

Keywords: *Bildung*; romantic medicine; materiality; anthroposophy; ethnography.



INTRODUÇÃO

A Antroposofia, uma “ciência espiritual” europeia inspirada no romantismo alemão, foi fundada pelo esotérico, filósofo e pedagogo austríaco Rudolf Steiner (1851-1925), na Suíça, no início do século XX. Por meio de uma “empíria espiritual” imputada pela fenomenologia goetheana, essa ciência propõe uma reinterpretação das descobertas das ciências naturais (BASTOS, 2015)¹.

No campo da saúde, os antropósofos desenvolveram um complexo sistema terapêutico que estabelece a medicina antroposófica como ciência capaz de ampliar a compreensão da biomedicina sobre o processo de saúde–doença, por meio da articulação dos fundamentos, da estética e da moral da medicina alemã², permeados por modelos cristãos de cultivo de si mesmo (BASTOS, 2016). É sobre essa medicina que faremos reflexões.

A Sociedade Antroposófica se instala no Brasil em 1939, e sua terapêutica se institucionaliza no SUS, em 2006. Já na década de 1960, o reconhecimento da medicina neorromântica³ antroposófica no Brasil foi marcado pela inauguração da primeira clínica na América Latina, a Clínica Tobias, que era dirigida pela médica Gudrun Schmidt. Por ser a primeira fora do continente europeu, passou a oferecer serviços médicos e terapêuticos no Ramo Tobias, em São Paulo (SP), a partir do ano de 1969 (ABMA, 2017; SAB, 2017). Em 2012 passou a ser considerada uma “racionalidade médica”, implementada no SUS como prática complementar e integrativa.

Instigados pela complexidade da composição de teorias e da abundância de materiais, que vão de chifres de vaca e bexigas de veados – utilizados nos compostos do cultivo biodinâmico – à bastões de cobre, prismas, instrumentos musicais, pincéis e tintas empregados nas terapias voltadas para o corpo, o espírito e a alma, dedicamo-nos, entre 2012 e 2016, à pesquisa dessa ciência espiritual.

Para isso, percorremos três Ramos⁴, dois no Brasil: Ramo Tobias na cidade de São Paulo (SP) e Ramo Jatobá, em Botucatu (SP); o outro em Lausanne (Suíça), *Branch Rose Croix*. No Ramo Tobias, participamos de três terapias na Clínica Tobias no ano de 2012; no Ramo Jatobá, vivenciamos a rotina dos moradores do Bairro Demétria, em 2013; no ano seguinte, atuamos como observadores no *Branch Rose Croix*, na Suíça. A entrada no campo se deu a partir de um acordo verbal de que a etnografia poderia ser realizada na Clínica Tobias desde que a pesquisadora se envolvesse nos processos da cura de sua asma. Nos demais espaços, na Comunidade Rural e no *Branch* suíço, os acordos envolveram a convivência em grupos de estudos sobre a literatura produzida nas ciências espirituais da Antroposofia e na rotina das tarefas.

Depois dessas considerações, alguns assuntos nos são especialmente caros: os fluxos dos materiais utilizados na Antroposofia, especificamente na Terapia Artística. Essa modalidade destinada à terapêutica da alma

considera as relações entre tintas, cores, pincéis e prismas com elementos científicos, morais e estéticos que compõem a medicina romântica alemã, na consubstanciação de uma *Bildung* como mote para a cura, um processo de “formação” cultural, um “auto cultivo” do indivíduo, uma “sensibilização à vida” (MORAES, 2007, p. 370).

Para a Antroposofia, a “saúde se aprende, educação é que cura”. A versatilidade da palavra-conceito *Bildung* permite aos antropósofos compreendê-la como formação e formação como educação dos sentidos. Nos fundamentamos em dois intelectuais orgânicos da antroposofia, ambos médicos antroposóficos, para demonstrar a *Bildung* sendo utilizada como mote terapêutico. O primeiro é Wesley Aragão de Moraes e seu livro intitulado *Medicina Antroposófica: um paradigma para o século XXI*; e o outro é a médica Elaine Marasca e seu livro *Saúde se aprende, educação é que cura*.

Devemos reconhecer que, para a construção deste texto, revivemos os seis meses em que nos debruçamos semanalmente na descrição da Terapia Artística na Clínica Tobias, no bairro de Santo Amaro, na capital de São Paulo, entre 2012 e 2013.

Esse reconhecimento a esse período na Clínica se deve a uma lacuna na produção acadêmica. Não devemos, no entanto, desconsiderar a ampla produção da antropologia que versa sobre a cura na Nova Era, as terapias alternativas e a espiritualidade (MALUF, 2005; 2007; TAVARES, 2003; 2012a; 2012b), mas consideramos importante alertar que a Antroposofia não se reconhece no bojo das medicinas alternativas e no movimento Nova Era. Nós nos apoiamos no número expressivo de publicações nacionais e internacionais que tratam, entre outros aspectos, da medicina antroposófica como “racionalidade médica” (NASCIMENTO *et al.*, 2013; PERURENA, 2014; MORAES, 2017); da formação do médico antroposófico na Europa (HEUSSER *et al.*, 2014a; 2014b) e no Brasil (WENCESLAU; RÖHR; TESSER, 2014); da eficácia dos tratamentos auxiliados pelos medicamentos antroposóficos (SIMÕES-WÜST *et al.*, 2012; LAMBRIGGER-STEINER *et al.*, 2014). E, apesar da obra dos autores Mirian Rabelo, Iara Souza e Paulo Alves (2012) sobre as trajetórias e sensibilidades expressas na materialidade nas experiências de saúde, são escassos os textos que exploram as materialidades mobilizadas “nas” e “pelas” terapias antroposóficas.

Quando falamos em materialidade neste artigo, estamos pensando nas formulações de Tim Ingold. Segundo Ingold, o mundo em que habitamos é composto por coisas (e não por objetos). Não há como reduzir coisas a objetos, pois tal movimento significaria a correspondente retirada dos processos vitais. Tim Ingold (2012, p. 27) define *vida*, por sua vez, como capacidade geradora do campo englobante de relações dentro do qual as formas surgem e são mantidas no lugar. O foco nos processos vitais exige que abordemos os fluxos de *materiais*. A definição de materialidade repousa então na “agência enformadora dos seres humanos, social e historicamente

constituída” que transcende o caráter material (INGOLD, 2015, p. 67). A questão aqui não é aplicar Tim Ingold para entender a Antroposofia. O movimento proposto é o de indagar o que uma abordagem que segue os fluxos materiais na Antroposofia pode possibilitar.

Cabe ressaltar a complexa articulação entre as origens múltiplas dos termos apresentados neste texto. Durante a pesquisa nos deparamos com um trio de teorias entrelaçadas. Priorizamos as categorias nativas, mas nos deparamos com as teorias do romantismo alemão, e as noções antropológicas sobre a temática. Para facilitar a leitura, destacamos os termos nativos.

No que se segue, buscaremos detalhar a materialidade da terapia artística e seguir as “co-respondências”; depois, na parte central do artigo, a contextualização da Doutrina das Cores na *Naturphilosophie*, na formação de uma *Bildung*. No final do texto problematizamos o encontro de fenomenologias convergentes com agências distintas para a condução do desfecho do artigo.

Na Antroposofia, a Terapia Artística, com seu olhar científico goetheano, se apropria das cores para chegar à cura da alma utilizando tintas, pincéis, papéis e prismas. É o que nos propomos a refletir.

A TERAPIA ARTÍSTICA E A FENOMENOLOGIA DE GOETHE

A Terapia Artística é uma categoria nativa da antroposofia para o trabalho de cura da alma que se fundamenta na observação fenomenológica da natureza elaborada por Goethe, na qual o efeito moral das cores é demonstrado em sua obra *Farbenlehre*. A obra por vezes é traduzida por “Teoria das Cores”, mas o mais próximo do alemão seria *doutrina das cores*, uma organização do modo de ensinar (POSSEBON, 2009, p. 7), ou educar a sensibilidade do indivíduo para os fenômenos das cores na natureza. Entende-se por doutrina a organização de conceitos e método educativo, mas não ensinamentos de caráter dogmático (POSSEBON, 2009). O formato da obra é a de um diário, no qual Goethe ora emprega um rigoroso discurso científico, ora elabora uma refinada poética para descrever seus estudos sobre as cores (GIANOTTI, 2011).

A palavra conceito *Bildung* foi cunhada originalmente durante o romantismo alemão. Nesse bojo, a elaboração da *doutrina das cores* foi idealizada como “uma experiência poética” (GIANOTTI, 2011), não só para opor-se à interpretação dada por Newton aos fenômenos luminosos, mas, principalmente, porque referia-se a *Bildung* romântica expressa, anteriormente, no termo *cultivo*, no qual a experiência é vivida e, posteriormente, como *formação* que proporcionasse aos indivíduos chegarem a si mesmos (MOURA, 2009, p. 166), valorizando o que estes possuíam de melhor.

Goethe interpretou a cor como um fenômeno mais associado ao olho do que à luz, não analisando a luz como um fenômeno físico, mas principalmente como um fenômeno da consciência. Para ele, as experiências realizadas não deveriam ocorrer em quartos escuros que utilizassem lentes e prismas alternativamente; a investigação deveria ser feita ao ar livre, onde o olhar poderia se reencontrar com a natureza (REIS, 2006), em uma reunião entre a liberdade e a experiência. Destacamos a natureza nos experimentos de Goethe porque a antroposofia promove no ambiente terapêutico – seja ele interno, na Clínica Tobias, ou externo, ao ar livre – um espaço de empiria, utilizando primas e experiências com cores, como iremos descrever posteriormente.

Goethe percebe nas cores um caráter próprio, assim como uma identidade, com características distintas na atuação sobre o psiquismo humano: “As cores usam estados anímicos específicos e provocam em diferentes indivíduos sensações, reações e comportamentos similares” (POSSEBON, 2009, p. 27). Com os subtítulos “cores fisiológicas”, “cores físicas”, “cores químicas” há uma perspectiva das relações internas e afinidades da Teoria das Cores com outras disciplinas, sobre o “efeito sensível-moral das cores”. E, por meio da atuação das cores nos estados anímicos, Goethe teria reconhecido as ações e os sofrimentos da luz em seu confronto com as trevas.

A cor nasceria da interação entre duas entidades autônomas e polares – a luz e as trevas –, resultante de um arquifenômeno (em alemão *Urphänomene*, ou “fenômeno primordial”), compreendido como um arquétipo do fenômeno. *Urphänomene* seria uma construção realizada pela imaginação, uma imagem que guiaria a interpretação do mundo e da natureza, a partir de uma observação disciplinada. Esse fenômeno, considerado puro para Goethe, seria um arquétipo que conduziria a percepção científica e artística dos sujeitos conectando o mundo empírico a uma estrutura epistemológica e filosófica. A cor, por exemplo, possuiria uma identidade que afetaria as pessoas como um prodígio da consciência, uma interpretação do vínculo de paixão da cor com a luz, expressa por uma linguagem científica e poética (GIANOTTI, 2011, p. 21).

Os resultados das pesquisas científicas de Goethe voltadas para o reconhecimento dos “fenômenos primordiais” – presentes na natureza, mas visíveis apenas aos “olhos do espírito” – irão influenciar o pensamento de Rudolf Steiner, inspirando-o a elaborar seu próprio método filosófico e científico, a dar um passo além de Goethe, e a aplicar a pesquisa dos fenômenos constituintes da realidade ao estudo do próprio universo do pensamento humano.

O livro *A Filosofia da Liberdade* (2000), de Rudolf Steiner, é considerado sua obra-prima, na qual ele teria dado um passo à frente na metodologia de Goethe. A partir desse passo, a Terapia Artística passou a ser descrita na teoria antroposófica como o olhar científico goetheano voltado para uma compreensão artística humana, um caminho através da alma, para alcançar

uma “bela alma”, um ativador de forças criativas anímico-espirituais que podem atuar sobre o processo físico mais profundo.

Na antropologia, Luís Fernando Duarte (2004) considera que o romantismo alemão se caracteriza como um movimento artístico, filosófico e científico surgido no final do século XVIII de forma reativa ao Iluminismo. Situou-se, ao longo do século XIX, como contraponto aos ideais iluministas, mas, como tal, acabou sendo sempre englobado pelo individualismo e pelo universalismo, que o ultrapassaram e determinaram. A percepção aguçada da natureza faria parte de um processo educativo de extrema relevância para a construção da *Bildung* de um jovem em busca de uma educação aristocrática para se tornar um bom burguês, narrada como um romance de formação, um *Bildungsroman*.

Para organizar esse aprendizado, a *Doutrina das cores* é uma obra que está situada no momento histórico em que a *Naturphilosophie* procurava elaborar outra visão para a natureza observada, na qual a experimentação e a matemática não seriam os critérios de validação do conhecimento.

Os dois termos do subtítulo a seguir são imprescindíveis para o desenvolvimento deste artigo. Ambos têm origem religiosa e mística e se propõem a uma educação crítica dos sentidos. É essa compreensão que procuramos deslindar.

NATURPHILOSOPHIE E BILDUNG

Para os adeptos da *Naturphilosophie* (filósofos, artistas e cientistas), os animais e as plantas, os minerais, os rios, o mar, os astros – enfim, tudo no cosmo é dotado de animação (SOUZA, 2010). A *Naturphilosophie* substituiu a imagem mecanicista de um mundo estático por uma imagem romântica de movimento. Daí, a natureza é compreendida como sujeito, e não como objeto, um organismo que se autoproduz mediante a ação das forças vivas e opostas, construindo sua própria história. A dimensão temporal é, portanto, entendida como um processo (SÁNCHEZ-GARNICA, 2005).

Goethe será um grande influenciador da *Naturphilosophie*, bem como será influenciado por ela. Essa relação fecunda irá ser responsável por uma ponte entre a filosofia da natureza e a filosofia da cultura. A instrução do indivíduo deveria acontecer no bojo da ciência da natureza, praticando sua observação. Na concepção romântica, o ser humano era pensado como um campo unitário, global, que não poderia ser abandonado como um agregado de partículas (GUSDORF, 1991).

As teses de investigação da medicina germânica, no pensamento romântico, evitavam a mera explicação clínica e se baseavam na fisiologia, na qual o organismo era ao mesmo tempo produto e produção, e os fenômenos biológicos eram eminentemente dinâmicos. A doença era definida como um desequilíbrio não natural, causado pela interação de fatores biológicos, morais, psicológicos e espirituais. Os médicos românticos raramente prescreviam tratamentos específicos para uma

doença e valorizavam as idiossincrasias dos pacientes ao estabelecer seus planos de tratamento (ROSENKRANTZ, 1985 *apud* RAMOS, 2006).

Mesmo quando o sofrimento se localizava em um órgão específico, os médicos observavam o organismo e suas reações como um todo. Os românticos acreditavam que toda doença corporal poderia exprimir-se por perturbações no nível da consciência. Assim, o doente era considerado na sua relação consigo, com os outros e com o mundo, “interagindo ciência, moral e estética” (RAMOS, 2006, p. 30). A terapêutica romântica deveria interpretar os sintomas como símbolos de uma situação em que se deveria utilizar um remédio para o todo (GUSDORF, 1984). Para isso, prescreviam-se regimes que incluíam medicamentos, dietas, modificações de comportamento e mudanças de moradia (RAMOS, 2006).

Luís Fernando Duarte (2003) considera a palavra-conceito *Bildung* como uma visão de mundo atemporal, que expressa o processo de formação cultural e a noção de pessoa germânica. Dentre os neorromânticos próximos do “Romantismo da Luz”, destaca-se Rudolf Steiner (DUARTE, 2004). Ele defende os ideais liberais, especialmente a necessidade humana de encontrar seu “caminho de liberdade individual e de progresso social”, fundamentado no uso da razão como validade empírica, na busca de se distinguir dos eventos das mesas girantes no espiritismo europeu (WASHINGTON, 2000).

Steiner reinterpreta as pesquisas de Goethe ao descrever as cores como forças universais dominantes, atuantes no passado e no futuro, na concentração e na diluição, na Terra e no Cosmo, na “imagem” e no “brilho”. As descrições da atuação das cores ultrapassam a esfera física terrestre com as categorias nativas: *esferas etéreas, astrais e espirituais*. Cada cor atuaria e resultaria, dependendo do plano em que é contemplada, *no corpo físico, no corpo etéreo e no corpo astral*, de forma diferente para cada indivíduo (HEIDE, 2003, p. 26). Mais tarde serviria de base para a cura da alma na Terapia Artística, que articularia a ciência, a moral e a estética, em uma função pedagógica voltada para a *Bildung* dos indivíduos.

Na Antroposofia, o uso da palavra *Bildung* atinge sua maior eficácia na forma terapêutica, pois produziria uma experiência da “educação ético-estética”, potencializando a percepção e a sensibilidade moral (MOLLMANN, 2012). Frequentemente mencionada nas teorias antroposóficas como explicação dos processos de cura, a noção de *Bildung* possui também uma origem religiosa e mística, que designa o movimento pelo qual o cristão dá uma forma à sua alma, esforçando-se para nela imprimir a imagem de Deus (DUMONT, 1991). No afim para desenvolver-se interiormente, considera todas as ocasiões como uma experiência de si e de um retorno reflexivo sobre si mesmo (DELORY-MOMBERGER, 2011). Trata-se, enfim, de um encontro entre a formação como experiência e a experiência como formação (GADAMER, 1967, p. 199).

Como a religião cristã encontrava-se em decadência no romantismo alemão, coube à arte a tarefa de guardar a “semente religiosa”. Novalis,

Schlegel e Schleiermacher desenvolveram um projeto de “transformação da religião em estética” (SAFRANSKI, 2010), em que, em lugar do deus cristão revelado, haveria o próprio indivíduo na mais alta potência, em um panteísmo que diluía deus na natureza e nas potencialidades humanas.

A religião proposta pelo romantismo tinha um cunho estético, pois se tratava de um sentimento que, na contemplação da natureza, não pudesse ser abafado pela moralidade. O sentimento para o universo infinito, de caráter religioso, era também um sentimento para a beleza, porque a alma do homem religioso almejava sugar a beleza do mundo. De forma imaginativa, esse homem faria da sua vida uma obra de arte, desde que houvesse um “gosto pelo infinito”. A arte estaria “predestinada a salvar a religião, porque a religião no seu âmago nada mais é do que [uma] arte” que não serviria a um fim, mas seria o fim (SAFRANSKI, 2010, p. 127).

Segundo Edmond Vermeil (1944, p. 112-115), em *L'Allemagne: essai d'explication*, Goethe foi um grande colaborador da modernização do cristianismo. Para o autor, houve um aperfeiçoamento por meio da racionalidade e do pietismo, em que Goethe teria sido responsável por expressar a religiosidade alemã. Steiner, por sua vez, ao editar as obras de Goethe, em Viena, entrou em contato com o que Vermeil chama de “instinto místico alemão”, impregnando a Antroposofia desse espírito religioso. Esse “instinto místico alemão” estaria presente também na fenomenologia goetheana, a qual ocorreria simultaneamente à formação reflexiva do pesquisador que engendraria em si uma dinâmica ativa e buscaria a essência da sua experiência, o “fenômeno primordial”.

Para Goethe, o pesquisador deve efetivar em si mesmo um processo crítico de suas percepções visuais. Sua fenomenologia da natureza evita a divisão entre sujeito e objeto. Seu método de pesquisa envolveria a formação do “sujeito pesquisador” ao apresentar o desafio de uma educação crítica dos sentidos, o aperfeiçoamento da relação entre este e suas impressões sensoriais, e o domínio da transformação nos modos de pensar, sentir e agir daquele que está imerso na dinâmica de conhecer o fenômeno por meio da imaginação e da intuição (BACH JUNIOR, 2016).

Depois dessa exposição que ancora o trabalho etnográfico desenvolvido na Clínica Tobias, observamos o comportamento de duas participantes, registramos os movimentos da terapeuta e descrevemos o cenário

A CENA ETNOGRÁFICA DA TERAPIA ARTÍSTICA

A Clínica Tobias é direcionada à classe média e à classe média alta da sociedade paulistana. Apesar de estar em uma localização privilegiada do bairro de Santo Amaro, o valor cobrado não era superior a outras terapias alternativas na cidade de São Paulo. A arquitetura da Clínica segue os padrões orgânicos propostos pela Antroposofia, evitando traços retos, considerados cartesianos, e privilegiando grandes portas e janelas de vidro inspiradas nos contornos da natureza. Situada em um espaço arborizado,

a observação da natureza é favorecida. Nas mesas da sala de espera estão sempre à disposição cristais e folhetos anunciando cursos de formação terapêutica. A Clínica já foi um espaço de internação terapêutica onde estiveram algumas celebridades hospedadas para tratamentos dos mais variados tipos. Ali também eram realizados partos, os quais descrevemos em outro artigo, sobre o parto das Mães Waldorf. Atualmente, reúne um conjunto de médicos e terapeutas implicados com o pensamento antroposófico.

Nos três primeiros meses, pagamos o valor de meio salário mínimo por uma hora e meia de terapia semanal, estando incluso o material disponibilizado pela clínica. Assim, a “terapia artística” era uma das opções mais acessíveis financeiramente na Clínica Tobias.

O ateliê de pintura em que o trabalho terapêutico era realizado não ostentava qualquer símbolo capaz de remeter aos aspectos esotéricos da Antroposofia. As sessões aconteciam em uma sala aparentemente simples, com paredes brancas, com amplas janelas voltadas para o jardim, com mesas coletivas de diferentes alturas para a prática da pintura e da modelagem. Simplicidade aparente, pois a arquitetura da clínica estava alicerçada em teorias sofisticadas dos primórdios da arte moderna sobre os formatos dos espaços e as influências sobre o comportamento dos indivíduos. A forma trapezoidal do ambiente estimularia a liberdade. Inspirados nas discussões sobre a relação entre a qualidade do espaço e sua função, a sala da terapia estava preparada para colocar as pessoas entre o indiviso e o abrangente, apoiando e fortalecendo a consciência individual e o autoconhecimento.

Apesar de o nome da terapia mencionar a arte, não havia nenhuma obra de arte clássica ou moderna. A total ausência de indícios no espaço terapêutico dialeticamente abarcava todos os sinais que porventura até ali chegassem, funcionando como uma estratégia de negociação terapêutica em grupos com distintas origens culturais e religiosas.

A terapeuta, uma jovem senhora mineira, de origem familiar católica, graduada em Psicologia, havia feito sua formação antroposófica como terapeuta artística em uma instituição na Inglaterra. Lá, o curso não era orientado exclusivamente para a prática terapêutica, com uma formação mais complexa e distinta daquela oferecida no Brasil, principalmente no caso dos internatos, onde o estudante poderia atuar tanto como artista quanto como terapeuta. No Brasil, os cursos de formação para terapeutas artísticos na Antroposofia são voltados unicamente para o campo da saúde.

A terapeuta possuía uma opinião e uma postura bastante peculiares sobre a terapia, distinta dos demais terapeutas da clínica, sendo requerida, constantemente, a aprofundar sua formação de si por meio da espiritualidade. Mesmo sendo adepta à filosofia e aos princípios desta ciência espiritual, sua conduta era mediada por esses preceitos até a parte que lhe abonava. Sempre que considerava necessário, assumia em suas declarações posturas críticas sobre a administração da clínica,

a competitividade entre os membros, a hierarquia entre os médicos e terapeutas e, principalmente, sobre as restrições medicamentosas. Diversas vezes comentou que a terapia artística desenvolvida fora da clínica, em um outro espaço não antropológico, apresentava resultados mais fecundos e uma maior adesão dos pacientes. Segundo a interlocutora, as pacientes frequentadoras da Clínica Tobias aderiam a essa terapia mais por entretenimento do que em busca efetiva pela cura. Uma tentativa elegante de se tornarem indivíduos melhores.

Duas senhoras, Dona Grená e Dona Fúcsia, ambas com mais de 65 anos de idade, participavam do grupo. Dona Grená, uma estrangeira de origem russa, oriunda da classe média, era dotada de um ar cosmopolita, talvez justificado por seu estrangeirismo cultuado em suas muitas histórias sobre o percurso de sua família fugitiva das situações de guerras. Atormentada por questões familiares, enfrentava vários e contínuos episódios de depressão, que a faziam afirmar que a “família é um lugar de tortura moral”. Trajava roupas coloridas e cultivava um comportamento festivo. A terapeuta observava em suas pinturas uma ausência de formas consistentes, como se as figuras retratadas, assim como a Dona Grená, estivessem sempre a flutuar. Quando indagada sobre a possibilidade de cura por meio dessa terapia, afirmava: “A arte e a cura têm tudo a ver, eu vim para me curar. A cura na arte é o processo de encontrar uma coisa dolorida e poder se expressar e amenizar a dor”. A dor dessa senhora não era uma dor física, era uma dor moral. A cura estava em se tornar um indivíduo melhor, principalmente para a sua filha que a deixou, justificando não suportar sua companhia, no Brasil.

Frequentadora de exposições de arte e museus, resolveu fazer a terapia porque a considerou mais barata do que cursar uma formação artística. A divertida e ao mesmo tempo triste Dona Grená era uma estranha no ninho. Seus cabelos artificialmente avermelhados, suas roupas pouco convencionais e sua personalidade singular a distanciavam da sobriedade elegante da terapeuta e da Dona Fúcsia. Empenhada em ser aceita no grupo, no início dos encontros terapêuticos convidou a todas para um chá com requintes da tradição britânica em sua modesta casa. O encontro foi adorável, mas não agregou no entrosamento, exacerbando a alteridade. O grupo estava cindido em suas origens socioculturais. Dona Grená abandonou a terapia antes da conclusão do trabalho de campo na clínica.

A outra participante, Dona Fúcsia, católica atuante no segmento da Renovação Carismática, não tinha formação profissional definida. Apesar de pertencer à falida classe média alta paulistana, não apresentava qualquer traço que indicasse uma possível formação cultural voltada para as artes, a não ser os relatos de opulência nas viagens turísticas à Europa. Comentava com orgulho que havia abandonado a vida de empresária bem-sucedida do ramo de decoração de ambientes optando por uma vida mais simples. Dona Fúcsia trabalhava de vendedora de apetrechos Waldorf na lojinha da Clínica Tobias e dizia-se realizada com a baixa

demanda de decisões. Mineira de origem, era uma das primeiras filhas de uma tradicional família patriarcal e latifundiária, na qual os primogênitos se encarregavam de cuidar das crianças mais novas, e as empregadas eram consideradas “praticamente da família”. De aparência impecável, apresentava-se maquiada e com o cabelo perfeitamente arrumado, refeito semanalmente na busca de uma vitalidade perdida. A velhice a atormentava.

De compleição frágil, Dona Fúcsia demonstrava firmeza no cumprimento dos papéis sociais femininos. Apesar de estar intensamente voltada para o matrimônio e a maternidade, afirmava nunca ter desejado esse destino. Com um histórico familiar marcado pelo suicídio, essa senhora se sentia predestinada a resgatar-se e aos demais do mesmo destino. Em busca da cura na Antroposofia, já realizava a Terapia Artística por mais de vinte anos, não com a mesma terapeuta, mas sempre na Clínica Tobias. Para ela, a terapia havia restituído seu livre-arbítrio: “Pintar a luz trouxe a cura para mim. Antes o sofrimento era inconsciente, agora eu tenho consciência e, com isso, consigo controlar os episódios da doença”. Dona Fúcsia se sentia culpada por desejar a própria morte e pelo sentimento de pertença em uma família de suicidas. Dona Fúcsia desejava se tornar um indivíduo melhor.

Cientes de que a Terapia Artística é um recurso para o processo de cura, a etnografia nos revela a mobilização interna do paciente rumo a uma transformação de sua consciência perceptiva. É o que nos propomos a refletir.

A MATERIALIDADE NO FLUXO TERAPÊUTICO

*Esta terapia é um trabalho de **manipulação dos materiais artísticos, como uma medicação** [destaque meu]. O trabalho de modelar e pintar mobilizaria a parte interna do paciente, manifestando suas percepções e concepções, e por meio da terapia orientada, é possível movimentar esses padrões para que ocorra uma transformação da consciência perceptiva do indivíduo. Pintar funcionaria como um **antídoto para a brutalidade** [destaque meu] das cidades grandes, estimulando recursos internos para suportar as adversidades da vida. (Terapeuta Adriana)*

O mundo material não é mais materialista, nem meramente atende apenas a suas características utilitárias. Nossos olhares sobre esses materiais, que parecem estar socialmente estabelecidos, também condicionam nossos modos de relação, percepção e sensibilidade. Para além do materialismo, Tim Ingold (2000, p. 340) colabora para que pensemos a materialidade das coisas e analisemos essa materialidade das terapias neorromânticas: “A cultura é concebida como algo que paira sobre o mundo material, mas

que não o permeia”, advindo daí rupturas e fronteiras ao fluxo da vida (INGOLD, 2011).

Tim Ingold (2000) considera fundamental perceber a materialidade sem desprezar sua existência, sua trajetória, sua ação e seu movimento, em ciclos e sem fim. Os materiais são sempre um devir e devem ser pensados com base em seus envolvimento com os fluxos da vida por eles constituídos. Ao mesmo tempo em que os representam, afetam e são afetados. Cabe segui-los em suas “co-respondências” – isto é, em suas conjugações – com outros elementos e sujeitos que os trespassam (INGOLD, 2012). Ingold nos conduz a indagar quais são as “co-respondências” em processos terapêuticos específicos.

Seriam essas “co-respondências” as propulsoras do devir terapêutico, por sua vez capaz de levar-nos a uma reflexão mais apurada sobre os procedimentos? A recente etnografia de Rodrigo Toniol busca as “co-respondências” – partindo da agulha, enquanto material – que se “[conjugam] com o procedimento do gesto que manipula [o agulhamento], assim como com os meridianos dos corpos, com o fluxo energético, com os músculos e com os tecidos cutâneos” (TONIOL, 2014). A agulha estaria sujeita a diversas “co-respondências” e fluxos para além da compreensão do objeto como algo concluído: “O agulhamento, como procedimento, é produtor de modos de atenção terapêutica e não simplesmente seu reflexo” (TONIOL, 2014). De forma similar, podemos pensar o pincel, a tinta, a cor e o prisma, assim, como um “agulhamento”? Os materiais utilizados na terapia artística também se “conjugam com o procedimento do gesto que os manipula”, na Terapia Artística antroposófica e nas possíveis “co-respondências” e fluxos envolvidos.

Para iniciar uma incursão reflexiva sobre as “co-respondências” e fluxos nessa terapia, narramos o episódio sobre a formação da terapêutica artística, sobre os distintos significados dos materiais, de acordo com as trilhas percorridas. No período de formação da terapeuta da Clínica Tobias em uma instituição antroposófica britânica, havia um alto grau de exigência, e seus esforços eram verificados rotineiramente em suas pinturas e esculturas. Esse rigor era cobrado não somente na Inglaterra, mas em todas as instituições formadoras da Antroposofia na Europa.

Nessa verificação não se examinavam os traços artísticos, mas a estética da disciplina em busca de um esforço na ampliação da sua percepção espiritual, capaz de neutralizar as interferências da sua tendência “neurossensorial”. Esta é uma categoria nativa da Antroposofia clássica que descreve uma postura muito centrada no racional, que estaria presente no fluxo entre a manipulação dos materiais artísticos e a observação da natureza dessa terapeuta.

Nossa interlocutora contava sua história de superação para abandonar os traços cartesianos, transformando e sendo transformada por suas obras, em busca de uma *Bildung*. Seu percurso profissional assumia ainda maior valor em sua formação pessoal, somente verificável pelo fluxo estabelecido

na articulação da materialidade com o entorno. Sua história era sobre a formação do *goût de l'effort* (gosto do esforço [tradução minha]), tão presente na construção da *Bildung*, exaustivamente descrita nos *Bildungsroman*, na materialidade e nos fluxos da formação de si mesmo.

Para Ingold (2012, p. 430), “não devemos, portanto, pensar as propriedades dos materiais como atributos. Pelo contrário, elas são histórias. Para entender os materiais, é preciso compreender suas histórias”. Essa interpelação de Ingold nos leva a pensar na existência de um “fluxo” entre os materiais e nas suas propostas para a terapia artística antroposófica.

Para a realização da técnica da “aquarela molhada”, pensamos então sobre os fluxos possíveis na materialidade do papel banhado pela água. Nessa técnica, a água assumia a função de exteriorizar os padrões rígidos e controladores do indivíduo, como se o inconsciente naufragasse da mesma forma que submergem os monstros dos pântanos. Em uma anamnese, um paciente minuciosamente descrevia o efeito do movimento do “fluir” desgovernado da tinta sobre a água do papel e a reação corpórea do indivíduo. A água, os amplos pincéis de leque e as tintas – não mencionamos ainda as cores, mas apenas as tintas que aparentemente pareciam de fácil manejo – evocavam o comando das “coisas no fluxo” dos materiais e entre eles. Isso atraía o desejo por linhas cartesianas, tão desmerecidas na Antroposofia, e causava desconforto na contenção e satisfação no verter. De certo modo, era impossível passar incólume sem ser atravessado e trespassar os materiais.

Com base na anamnese da “aquarela molhada”, a terapeuta desenvolvia uma proposta para a manipulação dos materiais. A composição das cores abrangia a mistura de pigmentos nos *godês*, a distinção de variados matizes na palheta e a combinação alquímica desses elementos animados. Processava-se então a narrativa não verbal, que terapeuticamente podia ser alterada, aos poucos, com mais ingredientes se a história fosse pobre em suas nuances e formas.

Adequavam-se ora as tintas, ora as cores, os pincéis e os papéis, de acordo com a necessidade da formação estética do paciente. Na tarefa fenomenológica de observar a natureza, interagiam-se a água com o sol, as ideias com as emoções. A folha de papel em branco não estava apenas por si, mas era um “vir a ser”, um jogo de experiência e percepção, novo a cada encontro terapêutico, com novos resultados, com relações inéditas ou não.

O humor das pacientes se alterava durante o manuseio dos materiais, indo de uma euforia, no início da tarefa, a uma serenidade controlada, ao finalizar, e de uma serenidade apática a uma melancolia reveladora. Houve momentos em que as combinações de cores da pintura alheia afetavam a todos de uma só vez. Aparentemente, sem um motivo explícito, essas combinações causavam profunda emotividade, compreendida por essas mulheres como uma experiência suprassensorial, de cunho espiritual. Essas emoções, segundo a terapeuta, eram despertadas pelo efeito cromático, ao qual Goethe denominou “efeito sensório-moral da cor”.

A influência da luz e das trevas alcançaria o âmbito corpóreo, faria com que sentíssemos – de modo doloroso ou feliz – os resultados dos efeitos cromáticos e motivaria nossa percepção existencial. Toda cor teria o que a terapeuta chamou de “atitude”, uma dinâmica em termos de contração e expansão, de peso e leveza, de atividade e inércia, de luz e sombra, capaz de proporcionar essas sensações.

Durante as sessões, a terapeuta explicava as teorias de Kandinsky que, apoiadas na fenomenologia de Goethe, clareavam a concepção do trabalho terapêutico sobre o “espiritual da arte”. O instigante método de pesquisa de Goethe não era dogmático; envolvia a formação do sujeito pesquisador, ou paciente, ao apresentar o desafio de uma educação dos sentidos. Exigia-se um processo de transformação nos modos de pensar, sentir e agir daquele que estava imerso na dinâmica de conhecer o fenômeno. Para vivenciar as cores, o paciente precisava esforçar-se para observar as cores que nos cercam com maior intensidade do que habitualmente as percebemos, com o “pensamento interessado”, com um estado pleno de consciência.

Esse modo de perceber possuía dois componentes que expressavam a interação com a materialidade: primeiro, o pensar que mergulha no objeto observado e nele se transforma; o segundo, o de nos conduzir “para fora de nós mesmos”, fazendo-nos participar da materialidade circundante, da paisagem, da natureza. Essa fenomenologia da natureza não separa sujeito e objeto, mas permite a interação entre o movimento na natureza e ativa nossa percepção para os movimentos de composição e decomposição, de nascimento e fencimento. No equilíbrio de forças de formação e movimento – similar ao pensamento da medicina alemã que via a cura no movimento – e na *Bildung*, a jornada deve ser realizada no movimento natural da formação de si mesmo.

Tal qual a ciência romântica da *Naturphilosophie*, a Antroposofia estimula os interessados a verificar os resultados da observação fenomenológica e a desenvolver o espírito crítico de suas percepções visuais em si mesmo. O pensar intenso e o pensar imaginativo não seriam apenas intuitivos, pois estariam apoiados em fatos científicos capazes de ampliar a relação entre a experiência terapêutica e a interação com os materiais artísticos. A utilização do prisma de cristal era o clímax do tratamento, pois elevava definitivamente a experiência terapêutica a um ensaio científico primordial do romantismo alemão. A terapeuta só retirava o prisma da caixa em situações excepcionais. Guardado em um espaço de convívio extracotidiano, aumentava significativamente a expectativa de sua presença no ateliê. Então éramos orientados a observar, por meio do prisma, uma superfície branca e uma escura. Ao colocar o instrumento sobre as fronteiras da luz e das trevas, víamos o surgimento das cores, com a claridade à frente e a escuridão nos fundos. Aquilo era de uma materialidade capaz de transportar qualquer cientista newtoniano convicto para uma atmosfera romântica de contestação da

realidade observada. Aquele instrumento reluzente permeava não apenas a luz e as trevas trazendo novas cores, mas todas as certezas absolutas. Demoliam-se, assim, as últimas resistências do paciente/pesquisador. É provável que a interlocutora, ao se ver observada, tenha objetivado validar e impregnar a experiência terapêutica de cientificidade, afetando mais a pesquisadora que os demais. Todavia, a ritualização do prisma é habitual na pedagogia Waldorf.

Para finalizar este tópico, rememoramos a experiência de pintar as estações do ano. Nas escolas Waldorf, há uma prática de conduzir os alunos à observação do dia, do nascer ao pôr do sol, registrando em pinturas as nuances produzidas pela natureza em cada hora do dia. O objetivo seria a interação dos materiais dispostos na terapia (tintas, pincéis, papéis e cores) com as coisas dispostas na natureza (flores, folhas, luz, calor), que marcam os ritmos do ano em “co-respondência” com os ritmos do dia. A observação das estações do ano teria a força de desencadear um fluxo de sentimentos das camadas profundas da alma ao estabelecer a interação entre as coisas da natureza em cada estação do ano. Para a Antroposofia, essa interação reavivaria os materiais dispostos na natureza por meio da pintura, e da pintura por meio dos dispostos na natureza, ativando uma cognição espiritual para compreender o que se passa “dentro” por meio do que se vê “fora”. As paisagens das estações do ano seriam os retratos do que ocorre em nossos próprios corpos e almas.

Cabe aqui uma ressalva: a terapia antroposófica foi elaborada em um continente com características climáticas muito diferentes. O inverno rigoroso da Europa é capaz de proporcionar grandes contrastes com as demais estações. Daí, os terapeutas brasileiros buscam uma aclimação entre as cores e os materiais nas pinturas das épocas do ano e os significados produzidos pelas teorias de Steiner, destacando as sutilezas nas transformações da paisagem tropical. No Brasil, as estações apresentam uma variação sutil de difícil percepção, pois, por mais que tenhamos o inverno, as árvores continuam verdes e até com flores. E, apesar do esforço dos terapeutas em adaptar as paisagens, era inevitável questionar se “as ideias *estavam* fora do lugar”, como ocorreu na inserção das ideias liberais no Brasil. A obra *As ideias fora do lugar*, de Roberto Schwarz, aborda a entrada do liberalismo no Brasil do século XIX. O autor faz uma crítica sobre como originalmente a ideologia na Europa converte-se nos trópicos, gera uma ideologia de “segundo grau”, perde seu caráter universalista e passa a defender interesses particulares.

O fluxo da materialidade estaria afetado e afetaria de forma singular cada ambiente que habitamos? A Terapia Artística no Brasil estaria emprestando outros significados, contando outras histórias desses materiais e trilhando outros caminhos na busca da *Bildung* e da cura?

No subtítulo a seguir, procuramos respostas para as indagações aqui feitas em fenomenologias “co-respondentes”.

FENOMENOLOGIAS SIMILARES COM “AGÊNCIAS” DISTINTAS?

Os fluxos dos materiais na Terapia Artística antroposófica parecem possuir a potencialidade de reunir fenomenologias que se “co-respondem”. Primeiramente, Goethe em sua “fenomenologia” antecede o iluminismo e as obras de Husserl. O ser humano é compreendido ainda como parte da natureza – observada e experimentada no formato romântico –, repleta de mística e poesia. Depois, as teorias também poéticas do antropólogo britânico Tim Ingold são impregnadas das fenomenologias alemã e francesa, expressas principalmente por Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty. Vale a pena esclarecer que, apesar da influência da fenomenologia alemã, Tim Ingold não se considera um heideggeriano. Ingold busca integrar saberes em que o ser humano, definido como um organismo vivo, empresta um significado sensível ao ambiente que mantém uma antropologia da vida. Nele não há partes separadas e complementares, como o corpo, a mente e a cultura, mas como um *locus* singular no seio de um campo de “relações em permanente movimento” (LENCASTRE, 2006, p. 4).

Embora em épocas diferentes e de formas variadas, as ideias de Goethe (2011), desenvolvidas em sua *Doutrina das cores*, aplicadas à Antroposofia, e as ideias de Heidegger (1971) e de Merleau-Ponty (2011), encontradas nas teorias de Ingold, mostram que há diversos sistemas de redes de significados, nos quais cada coisa no mundo só ganha sentido em uma dada conjuntura. Mais ainda, todos parecem impregnados da ideia de *movimento* do Romantismo. Em *Estar vivo*, Ingold (2015, p.13), por exemplo, menciona que “mover, conhecer e descrever não são operações separadas que se seguem umas às outras em série, mas facetas paralelas do mesmo processo – o da vida”. Para Heidegger (1971, p. 179), é habitar o aberto, é viver num mundo-tempo no qual “cada ser está destinado a combinar vento, chuva, sol e terra na continuação de sua própria existência”. Merleau-Ponty também se nega a separar a visão do olfato e do tato, afirmando que a cor e o sabor não pertencem a mundos distintos.

É como se, no mundo fenomenológico, todos se assemelhassem ao não fragmentar a existência, apostando nas “co-respondências” entre as “materialidades”, na “significação afetiva que a coloca em correspondência com a dos outros sentidos” (Merleau-Ponty, 2004, p. 20). Provavelmente todos os autores citados nesta discussão se deleitaram com os poemas de Charles Baudelaire – exceto Goethe, que foi lido por Baudelaire – e compreenderam a poesias das correlações (“co-respondências” ou *Correspondances*). Em 1857, o último romântico dândi afirmava que “os perfumes, as cores e os sons se correspondem”.⁵

Banhadas nesse espírito romântico, as fenomenologias parecem revelar mais que suas “co-respondências”. Os fluxos, sejam eles estabelecidos entre os materiais, ou entre as teorias, podem ser distintos, dependendo

das histórias construídas ao redor de suas funções. O embate da ciência romântica de Goethe com a ciência iluminista de Newton assume na contemporaneidade um perfil de contracultura e de Nova Era. Apesar de a Antroposofia defender sua origem no esoterismo europeu e negar seu envolvimento com a contracultura, a institucionalização da primeira clínica médica e terapêutica só ocorreu no Brasil a partir da década de 1960, em um período considerado por Hanegraaff (2005) como de grande abrangência dos movimentos novaeristas.

Todavia, a utilização da fenomenologia goetheana na Antroposofia – seja ela aplicada à medicina, às terapias neorromânticas, à educação Waldorf e à agricultura biodinâmica – alimenta nos “adeptos” dessa ciência espiritual algo que vai além de sua função epistemológica. A fenomenologia de Goethe, bem como os materiais da terapia artística, possibilita um trânsito de interesses e desejos entre os “adeptos” e os serviços prestados nas instituições antroposóficas. O termo “adeptos” é destacado com a intenção de distinguir o público que consome os produtos da Antroposofia, dos antropósofos dedicados aos estudos de Rudolf Steiner, os quais reconhecemos como intelectuais dedicados à fenomenologia de Goethe, com aplicabilidade nas mais diversas áreas.

Essas mesmas teorias complexas e instigantes, por vezes enigmáticas, produzem uma subjetivação nos “adeptos”, que aderem como se, por meio de um caminho obscuro, fosse possível compreender os mistérios esotéricos dessa ciência espiritual. A característica prática da Antroposofia e sua origem europeia e cristã satisfazem os grupos de novaeristas. Mesmo sem compreender a aplicação da fenomenologia de Goethe aos resultados da “empíria espiritual” proposta pela Antroposofia, legitimam-se as práticas por serem oriundas de um cenário distante e exótico retratado no romantismo alemão. Assume-se então o risco de uma postura claramente eurocêntrica ao considerar teorias estrangeiras como superiores, mesmo que incompreensíveis no cenário brasileiro.

Para essas pessoas, a não compreensão da utilização da fenomenologia de Goethe opera a certeza de que, seguindo um caminho de autoconhecimento prático, a experiência no percurso da vida, ou da *Bildung*, as levará a uma revelação dos mistérios que só serão esclarecidos na hora necessária e com atitude correta, semelhante como é descrito nos romances de formação. Considera-se o maior deles o *Bildungsroman*, de Goethe, intitulado *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, em que um jovem burguês faz sua jornada em busca da formação por meio da alteridade com o mundo externo. Entretanto, a funcionalidade da fenomenologia goetheana está distante no tempo e no espaço, atuando na função de legitimar o consumo de filosofias e práticas da Antroposofia, principalmente para os adeptos novaeristas. De forma paradoxal, eles, como os burgueses românticos, querem tornar-se aristocratas, mas agora com outros valores. Estão interessados na criação de verdades, necessidades e motivos,

“reforçando-os a si mesmo na alteridade do Outro e no mundo que se torna um objeto de manipulação” (GUR-ZE’EV, 2006, p. 8).

Depois deste percurso pelas fenomenologias, sentimo-nos preparados a sintetizar as ideias que nos ocorreram após o estudo dos pilares que sustentam a Teoria Artística antropológica, e as revelações advindas no uso dos materiais na etnografia feita na Clínica Tobias e a soberania do *self*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As coisas certamente estão vivas, sejam elas constituídas de materialidade, sejam de imaterialidade, como as teorias. Mas, para perceber a vida em seus movimentos, conhecê-las e descrevê-las, Tim Ingold (2015) afirma ser necessário considerar sua existência, seu percurso e sua ação. Os materiais confirmam seu devir e precisam ser pensados a partir de seus envolvimento com os “fluxos da vida”, afetando e sendo afetados, no tempo e no espaço. Essa proposta de Ingold nos levou a pensar nos “fluxos” que ocorrem na manipulação dos materiais utilizados na terapia artística antropológica, refletindo mediante outros olhares

É certo, vale destacar aqui, que Ingold e Goethe não compartilham de perspectivas fenomenológicas coincidentes. As diferenças substantivas entre suas perspectivas, tanto pelos fundamentos quanto pelos propósitos, não nos impedem de reconhecer, no entanto, zonas de convergência. Tais zonas são de duas naturezas. Por um lado, tributárias do próprio romantismo alemão e, por outro, relativas ao espectro vitalista no qual operam ambos autores. Ingold, a partir da antropologia, formula com isso sua teoria sobre a *vitalidade do mundo*, que não apenas indica a conexão entre as coisas, como afirma, em certo sentido, a própria indissociabilidade entre elas e o próprio mundo. Com ele, ao que parece, estamos sempre às voltas com o que Merleau-Ponty já havia chamado de “carne do mundo”: não há dualismos ou dicotomia porque não há unidades externas umas às outras, o que há é uma única carne, um único mundo. Goethe, por sua vez, inscreve sua perspectiva a partir da estética. Trata-se, não da estética do belo kantiana, mas sim da *aesthesis* aristotélica.

Formulada nesses termos, estética é uma noção valiosa por tudo aquilo que pode aportar sobre os modos de engajamento no mundo, isso é, o compartilhamento de disposições corporificadas que instituem comunidades estéticas. Contudo, há ainda uma outra dimensão desse mesmo princípio que não se refere ao engajamento, mas sim às formas de engajar. Nesse caso, o que está em jogo é menos a descrição da comunidade que se forma a partir da *aisthesis* e mais as “formas sensoriais”, tal como formulou Birgit Meyer, que são capazes de mobilizar “comunidade estéticas”. Trata-se de um jogo complexo a partir do qual as formulações de Goethe, embora distintas das de Ingold e elaboradas a partir da filosofia, também dão contribuições para nossa disciplina. Afinal, elas permitem tratar tanto das disposições corporificadas do ser-no-mundo (formação

estética) como também da produção de “formas sensoriais” capazes de mobilizar certas “comunidades”. É nesse sentido que há múltiplas formações estéticas, assim como variadas formas sensoriais que a elas apelam. Sem um apelo mecanicista de oposição, as formas sensoriais produzem formações estéticas estando, ao mesmo tempo, a elas sujeitas.

Seguir os fluxos e as “co-respondências” dos materiais utilizados e manipulados na Terapia Artística antroposófica – em suas conjugações com outros elementos e sujeitos que os atravessam e são atravessados – esclarece como se constituem os interesses de cada grupo cultural e como são por eles constituídos.

Os “fluxos da vida” disputam espaço na arena de significados, esteja o embate empenhado na conquista de adeptos para o consumo de terapias, valores morais e espaços de poder epistemológico. Isso não desabona a complexidade da antroposofia e nem a busca dos novaeristas. Não se trata de dizer quem está certo ou errado. Os materiais arrojados e exóticos dessa terapia são bem-sucedidos quando se remeterem os adeptos novaeristas ao universo místico, artístico e alquímico da cultura germânica. Para outros, a antroposofia é um recurso de autoconhecimento fecundo e instigante.

Consideramos relevante compreender que esses materiais terapêuticos e as teorias que os sustentam afetam os adeptos e são afetados por suas expectativas, ao serem deslocados no tempo e no espaço. Ao diluir as origens do próprio percurso, podem macular sua ação e se transformam em algo que não é mais o “gosto pelo esforço” proposto na *Bildung* como formação de si na alteridade com o Outro. No tempo e no espaço da Nova Era, o *self* é mais relevante que o esforço, uma vez que o mundo se torna uma projeção de si mesmo. No entanto, é prudente não diminuir as novas formas engajamento.

REFERÊNCIAS

ABMA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MEDICINA ANTROPOSÓFICA. **Terapias antroposóficas**. 2011. Disponível em: <http://www.abmanacional.com.br/#>. Acesso em: 12 dez. 2011.

BACH, Jonas Junior. A pesquisa de Goethe com as cores e a educação fenomenológica. **Perspectiva**, [s.l.], v. 33, n. 2, p. 805-822, 2016.

BASTOS, Raquel Litterio. **Verbete Anthroposophy**. Disponível em: http://link.springer.com/referenceworkentry/10.1007/978-3-319-08956-0_4-1. Acesso em: 20 maio 2019.

BASTOS, Raquel Littério. **Corpos e Saúde na Antroposofia: bildung como cura**. São Paulo: LiberArs, 2018.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Narrativa de vida: origens religiosas, históricas e antropológicas. Tradução Maria da Conceição Passeggi. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 40, n. 26, p. 31-47, jan.-jun. 2011.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 8, n. 1, p. 173-183, 2003.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Investigação Antropológica sobre doença, sofrimento e perturbação: uma introdução. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A pulsão romântica e as ciências humanas no Ocidente. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s.l.], v. 19, n. 55, p. 5-19, 2004.

DUMONT, Louis. **Homo aequalis**. Paris: Gallimard, 1991. [Tomo 2: *L'idéologie allemande*].

GADAMER, Hans-Georg. **Vérité et méthode**. Paris: Seuil, 1967.

GIANOTTI, Marco. Apresentação. In: GOETHE, J. W. **Doutrina das cores**. Tradução de Marco Giannotti. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Doutrina das cores**. Tradução de Marco Giannotti. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

GUR-ZE'EV, Ilan. A Bildung e a Teoria Crítica na Era da Educação Pós-Moderna. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 12, n. 22, p. 5-22, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/1673/1296>. Acesso em: ago. 2014.

GUSDORF, Georges. **Lignes de vie**. Paris: Odile Jacob, 1991. [v. 1: *Les écritures du moi*].

GUSDORF, George. Goethe, herder et la naturphilosophie. In: GUSDORF, George. **Les sciences humaines et la pensée occidentale**. Paris: Les Éditions Payot, 1985. p. 69-112. [Tome XII: Le savoir romantique de la nature].

HANEGRAAFF, Wouter Jacobus. New Age movement. In: JONES, Lindsay (org.). **Encyclopedia of religion**. Farmington: Thomson Gale, 2005. v. 10, p. 6.495-6.500.

HEIDE, Paul von der. **Introdução aos fundamentos da pintura terapêutica**. São Paulo: Antroposófica, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Poetry, language, thought**. New York: Harper & Row, 1971.

HEUSSER, P.; EBERHARD, S.; WEINZIRL, J.; ORLOW, P.; BERGER, B. Probleme in der integrativ medizinischen Weiterbildung von Ärzten an anthroposophischen Kliniken Deutschlands und der Schweiz. **Forsch Komplementmed**, [s.l.], v. 21, n. 4, p. 223-230, 2014a.

HEUSSER, P.; EBERHARD, S.; WEINZIRL, J.; ORLOW, P.; BERGER, B. The subjectively perceived quality of postgraduate medical training in integrative medicine within the public healthcare systems of Germany and Switzerland: the example of anthroposophic hospitals. **BMC Complement Altern Med.**, [s.l.], v. 14, p. 191, 2014b.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

INGOLD, Tim. **Being alive**: essays on movement, knowledge and description. New York: Routledge, 2011.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment**: essays in livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. Materiais contra Materialidade. *In*: INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

LAMBRIGGER-STEINER Claudia; SIMÕES-WUST Ana Paula; KUCK Angela; FURER Karin; HAMBURGUER Mathias. Sleep quality in pregnancy during treatment with *Bryophyllum pinnatum*: as observation study. **Phytomedicine**, [s.l.], v. 21, n. 5, p. 753-757, 2015.

LENCASTRE, Marina Prieto Afonso. Fenomenologia biológica, conhecimento e linguagem: o contributo de Tim Ingold para uma ecologia sensível. **Trabalhos de Etnologia e Antropologia**, [s.l.], v. 46, n. 4, p. 21-46, 2006.

MALUF, Sônia. Mitos coletivos, narrativas pessoais: cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da “Nova Era”. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 499-528, out. 2005.

MALUF, Sônia. Peregrinos da Nova Era: Itinerários Espirituais e Terapêuticos no Brasil dos Anos 90. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, v. 100, p. 5-29, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas – 1948**. Tradução de Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MOLLMANN, Andrea Dorothee Stephan. Bildung na contemporaneidade: qual o sentido? *In*: V CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, Caxias do Sul, maio de 2012. **Anais [...]**. Caxias do Sul, RS, 2012.

MORAES, Maria Regina Cariello. Medicinas alternativas e complementares: controvérsia científica e legitimação social. **Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES)**, [s.l.], n. 33, 2017.

MOURA, Caio. O advento dos conceitos de cultura e civilização: sua importância para consolidação da autoimagem do sujeito moderno. **Filosofia Unisinos**, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 157-173, maio-ago, 2009.

NASCIMENTO, Marilene Cabral do *et al.* A categoria racionalidade médica e uma nova epistemologia em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], 2013.

PERURENA, Fátima Cristina Vieira. Institucionalização de práticas integrativas e complementares no Sistema Único de Saúde? **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 361-363, 2014.

POSSEBON, Ennio Lamoglia. **A teoria das cores de Goethe hoje**. 2009. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RABELO, Míriam Cristina; SOUZA, Iara Maria de Almeida; ALVES, Paulo César Borges (org.). **Trajetórias, sensibilidades, materialidades: experimentações com a fenomenologia**. 1. ed. Salvador, BA: EDUFBA, 2012. v. 1. 453p.

RAMOS, Denise Gimenez. Alguns modelos e conceitos sobre a doença e o processo de cura. *In*: RAMOS, Denise Gimenez. **A psique do corpo: a dimensão simbólica da doença**. São Paulo: Summus, 2006.

REIS, José Cláudio; GUERRA, Andreia; BRAGA, Marco. Ciência e arte: relações improváveis? **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, [s.l.], v. 13 (suplemento), p. 71-87, out. 2006.

SAB – SOCIEDADE ANTROPOSÓFICA BRASILEIRA. **Histórico no Brasil**. 2017. Disponível em: <http://www.sab.org.br/portal/antroposofia/no-brasil/historico-no-brasil>. Acesso em: 16 jan. 2017.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo, uma questão alemã**. Tradução de Rita Rios. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SANCHEZ-GARNICA, Dolores Escarpa. La biología romântica de los Naturphilosophen. *In*: GONZALES RECIO, José Luiz (org.). **El taller de las ideas: diez lecciones de historia de la ciência**. Barcelona: Plaza y Valdés, 2005.

SCHWARZ, Roberto (org.). As ideias fora do lugar. *In*: SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1999. (Sequências Brasileiras).

SIMÕES-WÜST, Ana Paula; JESCHKE, Elke; MENNET, Mônica; SCHNELLE, Martin; MATTHES, Harald; VON MANDACH, Ursula. Prescribing pattern of Bryophyllum preparations among a network of anthroposophic physicians. **Forsch Komplementmed**, [s.l.], v. 19, n. 6, p. 293-301, 2012.

SOUZA, Maria Cristina Santos. A Naturphilosophie como concepção de mundo do Romantismo Alemão. **AISTHE**, [s.l.], n. 5, p. 35-47, 2010.

TAVARES, Fátima Regina Gomes. Legitimidade terapêutica no Brasil contemporâneo: as terapias alternativas no âmbito do saber psicológico. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 83-104, 2003.

TAVARES, Fátima Regina Gomes. **Alquimista da Cura: a rede terapêutica alternativa em contextos urbanos**. EDUFBA, Salvador, 2012a.

TAVARES, Fátima Regina Gomes. **Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde.** In: TAVARES, Fatima Regina Gomes, ARCAND, Francesca Maria Nicoletta Bassi (org.). Salvador: EDUFBA, 2012b.

TONIOL, Rodrigo. “Experts no espírito”. Reflexões sobre a legitimação da espiritualidade com uma dimensão de saúde a partir do SUS. **Anais da ReACT – Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**, [s.l.], v. 1, n. 1, 2015.

VERMEIL, Edmond. **L'Allemagne: essai d'explication.** Paris: Gallimard, 1944.

WASHINGTON, Peter. **O babuíno de madame Blavatsky: místicos, médiuns e a invenção do guru ocidental.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

WENCESLAU, Leandro David; RÖHR, Ferdinand; TESSER, Charles Dalcanale. Contribuições da medicina antropológica a integralidade na educação médica: uma aproximação hermenêutica. **Interface**, [s.l.], v. 18, n. 48, p. 127-138, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v18n48/1807-5762-icse-18-48-0127.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2017.

Submetido em: 5/10/2020

Aprovado em: 10/2/2021

Raquel Litterio de Bastos

raquelitterio@gmail.com

Cientista social, doutora em Saúde Coletiva na Unifesp de São Paulo. Atualmente, é professora adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na Escola Multicampi de Ciências Médicas no Sertão de Caicó (EMCM/UFRN). É líder do Grupo de Pesquisa em Antropologia da Ciência e da Técnica – Caixa Preta.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7556-7701>

Rodrigo Toniol

rodrigo.toniol@gmail.com

Professor adjunto do Departamento de Antropologia Cultural da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Unicamp. Graduado em ciências sociais, mestre e doutor em antropologia social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordena do projeto de pesquisa Espiritualidade institucionalizada, apoiado pela Fapesp na modalidade Jovem Pesquisador. É editor do periódico Debates do NER, membro do Comitê de Pesquisa de Sociologia da Religião da Sociedade Brasileira de Sociologia, da Comissão Editorial de Livros da Associação Brasileira de Antropologia e do Conselho Editorial da Revista Mana.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1169-5253>

Pedro Paulo Gomes Pereira

pedropaulopereira@hotmail.com

Antropólogo, Livre Docente pela Universidade Federal de São Paulo, professor associado da Universidade Federal de São Paulo, professor do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo. Coordenador do Quereres – Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Direitos Humanos e Saúde.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0298-2138>

NOTAS

- ¹ A Antroposofia atua em diversas áreas de conhecimento: na educação, amplamente conhecida como pedagogia Waldorf, na arquitetura e na agricultura biodinâmica. Para quem desejar conhecer a pesquisa completa, indicamos o livro da tese “Bastos, Raquel Litterio. *Corpos e Saúde na Antroposofia: bildung como cura*. São Paulo: LiberArs, 2018.
- ² A Antroposofia se inspirou também no idealismo alemão, no cientificismo empírico (herdeiros do Iluminismo) e no neodarwinismo, mas com ressalvas à parte materialista, com traços do liberalismo francês (WASHINGTON, 2000). Rudolf Steiner nasceu em Kraljevec, na então Áustria, hoje Croácia, em 1861. Por influência paterna, cursou Ciências Exatas no Instituto de Tecnologia de Viena. Durante os estudos técnicos, na Alemanha, passou a ter contato com as ideias filosóficas de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). Aos 22 anos, Steiner foi contratado para organizar os escritos de Goethe.
- ³ Utilizamos a expressão neorromantismo baseada nos estudos de Luís Fernando Duarte sobre *Bildung*. A expressão neorromantismo vem sendo utilizada para definir os movimentos contemporâneos inspirados no Romantismo Europeu, com referência a escritores, compositores, pintores e filósofos do século XVIII até o final do século XIX. A expressão neorromantismo possibilita a compreensão das problemáticas contemporâneas nas novas manifestações de grupos ecológicos dotados de práticas espirituais que buscam o sagrado na intimidade do *self* individual (STEIL, 2008), considerados expressão de um neorromantismo (DUARTE, 2004).
- ⁴ A expressão “Ramos”, do alemão *Zweig*, nomeia as primeiras organizações sociais, em que os membros se dedicavam ao estudo e ao cultivo da ciência antroposófica. Entre os Ramos, houve um maior desenvolvimento dos grupos na cidade de São Paulo, que é considerada atualmente a maior concentração de antropósofos no Brasil.
- ⁵ Tradução de “Les parfums, les couleur et les sons se répondent” feita por Ricardo Meirelles (2010) em sua tese de doutoramento.